



## **Música na Escola Parque é para ser divertida: um recorte do processo de análise de uma pesquisa em andamento com alunos dos anos iniciais**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Olívia Augusta Benevides Marques*  
*Universidade de Brasília - oliviamarques11@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo compreender como os alunos de anos iniciais veem as aulas de música nas Escolas Parque de Brasília/DF. A perspectiva teórica e metodológica se fundamenta em conceitos que envolvem as Narrativas da Infância. A técnica utilizada foi a Roda de Conversa. Apresento aqui parte do processo de análise, interpretando o sentido da aula de música para os colaboradores da pesquisa. Os primeiros resultados apontam que a aula é para ser divertida seja cantando, tocando ou criando.

**Palavras-chave:** Música nas Escolas Parque de Brasília. Anos Iniciais. Rodas de Conversa.

**Music in the Park School is to be fun: a cut of the review process of an ongoing research with students in the early years**

**Abstract:** This paper presents part of an ongoing study that aims to understand how the early years students see music lessons in schools Brasília Park / DF. The theoretical and methodological approach is based on concepts involving Narratives of Childhood. The technique used was the Conversation Circles. I present part of the analysis process, interpreting the meaning of music class for employees of the research. The first results indicate that the class is to be fun to be singing, playing or creating.

**Keywords:** Music in Schools Brasilia Park. Early Years. Conversation Circles.

### **Introdução**

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo compreender como os alunos de anos iniciais veem as aulas de música nas Escolas Parque de Brasília/DF. Apresento aqui parte do processo de análise, interpretando o sentido da aula de música para os colaboradores da pesquisa.

Desse processo emergiram quatro momentos narrados: a) música como diversão; b) música para tocar, cantar, compor; c) o que gostam na aula de música; d) o que não gostam na aula de música que deram origem ao eixo temático: Música na Escola Parque é para ser divertida.

O campo empírico da pesquisa consiste em cinco Escolas Parque de Brasília. Os colaboradores da pesquisa são alunos do 5º ano do ensino fundamental. O referencial teórico está fundamentado em conceitos de culturas da infância de Sarmiento (2004) que traz as crianças como atores sociais. O referencial teórico-metodológico empregado é a Pesquisa

(Auto)biográfica cuja técnica de pesquisa incide nas narrativas produzidas em duas Rodas de Conversa – RC1 e RC2.

Foi utilizado nesse processo metodológico, um protocolo que consistia na apresentação de um boneco do personagem de histórias em quadrinhos – Thor como mediador semiótico. A análise das narrativas infantis foi constituída em três eixos temáticos: 1) A Escola Parque como segunda casa; 2) Música na Escola Parque é para ser divertida; 3) Professores da Escola Parque ensinam música e valores para a vida. Para este trabalho tratarei apenas do eixo dois.

### **Crianças como atores sociais**

As crianças, que se tornaram colaboradores da pesquisa em andamento, são alunos do 5º ano do ensino fundamental de duas das cinco Escolas Parque de Brasília. Essas Escolas Parque – EP foram concebidas dentro do Plano Educacional de Brasília, idealizado pelo educador Anísio Teixeira. Essas unidades ofertam Educação Física, Artes Visuais, Música e Artes Cênicas com especialistas de cada área.

Sobre a música nos anos iniciais, as pesquisas em educação musical têm abordado esse tema sob diferentes perspectivas: formação do professor quanto a quem deveria ensinar música nas séries iniciais (JOLY 2007. BELLOCHIO; FIGUEIREDO 2010. BELLOCHIO; GARBOSA 2010. BELLOCHIO 2012. BELLOCHIO; PACHECO 2014); a escuta das vozes de crianças em pesquisas na área de Educação Musical (HEINKEL, 2010. PONSO, 2011. RIBEIRO, 2012. MARTINEZ, 2013. PEDRINI, 2013). Dentre essas pesquisas, procurei dialogar mais com Pedrini (2013), que trata da temática – criança e pesquisa narrativa, com foco na aula de música na perspectiva deles aproximando ao meu tema: interpretar qual o sentido da aula de música para os alunos dos anos iniciais das Escolas Parque de Brasília. Essa interpretação do sentido remete a uma abordagem da Pesquisa (Auto)biográfica com foco em narrativas de crianças que, na perspectiva de Passeggi (2014: 133), é pensar em “nada para a criança, sem a criança”.

Para Pinto e Sarmiento (1997), o que especifica o campo de estudos sobre as crianças é o foco que se adota. Esse foco consiste em partir das crianças para o estudo das realidades de infância. Isso significa essencialmente duas coisas: a primeira é que o estudo da infância constitui esta categoria social como o próprio objeto da pesquisa, a partir do qual se estabelecem as conexões com seus diferentes contextos e, em segundo lugar, que as metodologias utilizadas devem ter por principal escopo a recolha da voz da criança, a expressão da sua ação e da respectiva monitorização reflexiva.

De acordo com o autor, o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais obscurecidos pelo olhar dos adultos e interpretar as representações sociais das crianças que pode ser, não apenas, um meio de acesso à infância como categoria social, mas também às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são “desoculta-das” no discurso das crianças. Para o autor há quatro eixos estruturadores das culturas da infância: a interatividade, ludicidade, fantasia do real, e a reiteração (SARMENTO, 2004: 14). A partir desses eixos estruturantes da cultura da infância em que nessas modalidades a criança pode se constituir como ator social, passo a descrever de forma sucinta como a Pesquisa (Auto)biográfica contribui nesse processo narrativo.

A forma de expressão mais imediata para demonstrar a representação mental, pré-escritural de uma (Auto)biografia são as narrativas. Assim, ao narrar um acontecimento, a pessoa reorganiza sua experiência, de modo que ela tenha ordem coerente e significativa, dando um sentido ao evento. Por meio das narrativas a pessoa traz a sua experiência da maneira como ela interpreta. (DELORY-MOMBERGER, 2011)

Uma técnica bastante interativa utilizada em pesquisas são as Rodas de Conversa, por terem uma característica de partilha de experiências (MOURA; LIMA 2014). Para a autora, o sujeito é sempre um narrador que não narra sozinho, mas reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo. No caso da Roda de Conversa, é uma construção coletiva. (MOURA; LIMA 2014: 104)

O uso dessa técnica com crianças necessita de um diferencial na recolha dos dados, como nos explica Passeggi (2014). A autora diz que nas pesquisas que têm como foco de produção e de análise dos dados das narrativas com crianças, é necessário criar um espaço lúdico em que sejam oferecidas ferramentas semióticas para que a criança possa se expressar, pensar sobre si mesma e, ou sobre o mundo, para enfim, narrar. O espaço lúdico visa privilegiar a naturalidade, a espontaneidade e as possibilidades de desenvolvimento do imaginário da criança entrevistada. (PASSEGGI, 2014:154)

Como ferramenta semiótica utilizei um boneco do personagem das histórias em quadrinhos Thor. Para a realização das Rodas de Conversa, com base no objetivo geral da pesquisa, elaborei um pequeno protocolo de entrevista contemplando também os objetivos específicos que são: conhecer as experiências musicais de alunos adquiridas na EP; interpretar qual o sentido da aula de música na EP, e analisar como eles idealizam a música no espaço escolar. Optei por apresentar as narrativas relacionadas ao segundo objetivo da pesquisa.

Esclareço ainda que, por uma questão ética e por serem crianças, optei por não os identificar pelos nomes próprios, mas por personagens de histórias em quadrinhos.

### **Música na Escola Parque é para ser divertida**

Nesse processo de análise as narrativas foram interpretadas a partir do que os alunos contaram sobre a aula de música na EP. Organizei as narrativas em quatro momentos, com base em palavras-chave que ficaram evidentes durante a leitura das narrativas. No primeiro momento, a palavra-chave que mais chamou atenção foi diversão. Depois, fui percebendo que a diversão estava associada às atividades feitas durante a aula como tocar, cantar, compor (criar), o que me levou ao segundo momento. E dentre essas atividades que compõem uma aula de música, os alunos relataram as coisas que gostavam, bem como àquelas que não sentiam prazer em fazer. Disso surgiu o terceiro momento para análise, pois ao contarem o que gostavam na aula de música, os colaboradores também se posicionaram, nos termos de Delory-Momberger (2012: 534), “numa atitude de exploração das situações e de construção progressiva”, categorizado pela autora como “um agir progressivo”, dando pistas do que é necessário ter na aula de música, e o que não ter na aula de música gerou assim o quarto momento.

Retomando o primeiro momento, a palavra diversão foi surgindo espontaneamente das narrativas dos alunos sobre a visão que eles têm sobre a aula de música. Esses adjetivos ficaram mais evidentes em suas narrativas como o que trago a seguir: “Eu acho divertida a EP porque você aprende música, educação física, artes, teatro... O que eu mais gosto é música, mas eu acho os outros legais também. ” (Carminha Frufru RC1). Como esclarece Magali: “É divertido porque você aprende a tocar novas coisas, se perder no meio da música, para você não ter vergonha de ficar no palco” (Magali RC1). Para os colaboradores da pesquisa a aprendizagem musical consiste em fazer música de forma divertida. A relação desses alunos com a música é permeada pelo fazer musical. Ao inscrever em suas narrativas a palavra diversão o fazer musical é atravessado por relações sonoras e não sonoras (DEL-BEN, 2009). Dessa forma, como afirma Abreu (2011: 122), o fazer musical em sala de aula se torna algo prazeroso de se realizar.

Nesse agir progressivo, capturado das narrativas dos colaboradores, a diversão está intrinsecamente relacionada às atividades da aula de música: tocar, cantar e criar (compor) que, por sua vez, estão ligadas ao ensino e aprendizagem. Isso pode ser observado nas narrativas de Flash: “Aula de música é boa porque a gente aprende muita coisa, aprende as notas musicais, a tocar instrumentos, a cantar no meio das pessoas, sem vergonha. ” (RC1)

e Magali: “Eu gosto quando a gente toca instrumento, todo mundo junto e todo mundo participa, é muito legal e que quando a gente toca o instrumento, a gente fica com o... na cabeça.” (RC1). A esse respeito, Aninha conta que: “A gente bate [toca], a gente bate” e “a gente canta “ (RC2). Para Beineke (2002), aprende-se música fazendo música. É uma atividade humana que se manifesta no fazer, na prática musical seja tocando cantando; ouvindo, analisando e compondo (BEINEKE, 2002: 63-67).

Ao se relacionar ativamente com a música, a criança poderá adquirir experiências de diferentes maneiras, como explicitado pela autora. Em todas essas atividades musicais, eles têm oportunidade de partilhar experiências musicais direta, pois do saber cria-se conhecimento.

Por outro lado, os colaboradores querem se expressar não só musicalmente, mas na relação com outras áreas artísticas, como narram as colaboradoras Mônica e Denise. Mônica traz em sua narrativa a dança como uma prática a ser realizada na aula de música: “Ele [o professor] também podia ensinar a gente a dançar, porque aula de música não é só para cantar e tocar instrumentos, também serve para dançar.” (RC1).

Nesse aspecto, a colaboradora Denise entende que a dança e o teatro complementam o fazer musical. Ela disse que: “o que eu mais gosto de fazer é tocar instrumentos, cantar, dançar, que aqui na aula de música, a gente não toca só instrumentos, a gente faz um pouco de teatro também, a gente dança, mexe com bonecos. Acho que eu mais gosto... uma das partes que mais gostei, foi no ano passado que eu fiquei com um boneco chamado pirulito.” (RC1)

Na visão dos alunos as diferentes especificidades das artes não estão apartadas da música, pelo contrário, elas estão integradas ao fazer musical. Elenquei como terceiro momento as narrativas que ilustravam aquilo que os alunos gostam, e o que não é tão prazeroso fazer na aula de música. Sobre o que gostam de fazer na aula de música as narrativas mostram que tocar, cantar e criar ritmos musicais são as preferidas da maioria dos colaboradores:

E umas das coisas que eu mais gosto é tocar teclado e cantar. (Mônica RC1); Eu gosto de cantar. A coisa que eu mais gosto é cantar e tocar instrumentos, né! (Carminha Frufu, RC1); A coisa que mais gosto de fazer na aula de música é tocar os instrumentos. Fazer. Tocar a música que o professor toca, que o professor manda tocar. Cantar música. (Flash, RC1); Eu gosto de cantar... (Isadora, RC2); [...] Eu gosto de ficar só com um instrumento e tocar só um instrumento (Franjinha RC2).

O processo de aprendizagem musical acontece nesse modo de fazer música na sala de aula. Isso é o que explica Mônica em sua narrativa: “Eu gosto muito da aula de música, porque eu aprendi a tocar teclado. (RC1). Como disse Flash, a aula de música é para “aprender as coisas” (RC1). E essa motivação para aprender a tocar um instrumento se amplia para além do espaço escolar quando Carminha Frufu relata: “eu sempre quis aprender violão, agora, eu estou tentando aprender com o meu pai.” (RC1)

A relação sonora que esses alunos constroem com a música os ajuda a vencer outras limitações não sonoras: “Antes eu tinha muita vergonha, mas agora que eu fiz aula de música comecei a apresentar nos palcos, comecei a tocar mais, agora eu perdi a vergonha toda e estou começando a tocar mais até em casa. Minha mãe comprou um teclado para mim e agora eu estou tocando para os meus pais. (Denise, RC1). Nessa direção narrou Carminha Frufu (RC1): “Quando eu entrei na aula de música, tinha muita vergonha, não conseguia nem ficar na frente da minha mãe, é... aí no dia que eu fui apresentar com o meu professor eu tinha que, tinha que falar na frente e tinha que tocar, aí depois daquele dia eu passei a não ter mais vergonha.”

Assim, as relações sonoras e não sonoras que perpassam pela aula música pode ser sintetizada, com a narrativa de Marina que diz: “o que eu gosto na aula de música é... de tudo.” (Marina, RC1). Entre as situações que não são tão agradáveis na aula de música, alguns colaboradores trazem em suas narrativas algumas situações de ensino: “Quando troca para outro instrumento eu não consigo. É chato. Odeio trocar instrumento. (Franjinha, RC2); Também de cantar na aula de música. Eu não gosto porque faz muito barulho (Aninha, RC2).

Nessas narrativas podemos perceber que os alunos gostam de fazer música, mas, talvez, são as estratégias de ensino dos professores que, muitas vezes, incomodam, como apontou Franjinha e Isadora. Além disso, o barulho, é algo bastante comum nas aulas de música, pois a matéria prima da música é o som e se não for bem organizada a aula, o som pode atrapalhar a aprendizagem. Ter estratégias de ensino podem ajudar naquilo que Magali relata, “o tempo da aula de música é muito precioso” (RC1). Aprender música é, para os colaboradores, o ponto principal da aula. E esse tempo, muitas vezes, é absorvido nas relações entre os colegas de sala de aula como: “quando a gente briga e perde o tempo da aula de música que é muito precioso [...] quando a gente briga, a gente pede silêncio, faz tudo errado e perde muito tempo da aula”. (Magali, RC1)

Além desses incômodos apontados por Magali, Marina acrescenta o seguinte: “o que eu não gosto na aula de música é de não se soltar, a pessoa não se solta, fica lá parada, lá, e não faz nada, isso é ruim, quando você se solta, você sente um trem tão grande, que é muito



bom. (RC1). Essa narrativa é aclarada junto com as ideias de Merriam (1964) em que a função da expressão emocional que a música exerce, é a expressão da liberação dos sentimentos, uma forma de desabafo de emoções através da música, o que nas palavras de Marina “é muito bom”.

Diante do exposto é possível destacar, por meio da análise das narrativas dos colaboradores que para eles, as aulas de música são divertidas porque se aprende a tocar instrumentos musicais, a conhecer teoria da música, a cantar, a ter momentos de criação de novas músicas e ritmos, e superar a timidez. Para muitos, as aulas de música mudaram sua atitude diante de uma plateia. Isso significa dizer que, saber fazer música é poder saber ser diante do outro, da vida e de si mesmo, se apropriando da sua experiência com a música e do que fazem com e a partir dessa relação.

Essas relações dos colaboradores com a música, construídas ao longo de sua caminhada no espaço escolar é ressignificada no ato de narrar, uma vez que refletem sobre aquilo que os agradam ou não durante o processo de ensino e aprendizagem da música. Para eles as “brigas” tomam o tempo da aula. Ou seja, estar na escola é ter a oportunidade de usar o tempo da aula para aprender a se relacionar com pessoas e músicas.

### **Considerações finais**

Como primeiro exercício interpretativo acredito que essa análise das narrativas infantis poderá gerar discussões mais aprofundadas no processo final da pesquisa que se encontra em andamento, para pensarmos com o aluno que tipo de escola, professores e aula de música queremos. É a partir do que, como e porquê os colaboradores nos narram determinados eventos ocorridos em suas vidas escolares que vamos nos apropriando do que é ensinar música na escola, neste caso, em Escolas Parque.

Assim, acredito que as narrativas infantis poderão gerar novos sentidos não somente à minha história como professora, mas também um novo modo de reler histórias produzidas no espaço escolar com crianças e com músicas para assim construir ideias, proposições e, quem sabe, conceitos que emergem do conhecimento gerado a partir das narrativas.

### **Referências**

- ABREU, D. V. Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BEINEKE, V. Construindo um fazer musical significativo: reflexões e vivências. Revista NUPEART, Santa Catarina, v.1, p.59-72, set. 2002.



- BELLOCHIO, C.R.; FIGUEIREDO, S. L. F. Cai, cai balão...Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em Música. *Revista Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 1, n.1, out. 2009.
- BELLOCHIO, C.R; GARBOSA, L. W. F. Educação musical na formação inicial e continuada de professores: projetos compartilhados do Laboratório de Educação Musical - LEM - UFSM/RS. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.37 p. 247-272, set. /dez. 2010.
- BELLOCHIO, C.R. Representando a docência, vou me fazendo professora: uma pesquisa com estagiárias de licenciatura em música. *Revista Práxis Educativa*, v.07, n.01, p.227-252, jan. /jun. 2012.
- BELLOCHIO, C.R.; PACHECO, E.G. Música (s) e educação básica: pensando processos formativos e ações profissionais na unicodência. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 39-54, jan. /abr. 2014.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v.17, n.51, p.523-740, set-dez 2012.
- DEL-BEN, Luciana. Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei nº 11.769/2008. *Música em perspectiva*, v.2, p. 110-134, março de 2009.
- DINIZ, J. A. R.; JOLY, I. Z. L. Um estudo sobre a formação musical de três professoras: o papel e a importância da música nos cursos de Pedagogia. *Revista da Abem*, Porto Alegre, V. 16, 65-73, mar. 2007.
- HEINKEL, D. Ser criança é ir à escola, ter amigos de montão: A escuta da infância em seu "ofício de aluno". 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de pedagogia (DePe) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), Ijuí, 2010.
- MARTINEZ, A. P. A. " O que é, o que é?" Princípios norteadores para uma prática educativa de atividade musical. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação- Universidade de Brasília, 2013.
- MERRIAM A.P. *The Anthropology of Music*. Evanston. USA Northwestern University 1964.
- MOURA, A.F.; LIMA, M.G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 1, p.98-106, jan. /jun.2014
- PASSEGGI, M. C. Nada para a criança sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, A.C.; SAMPAIO, C. S. S.; PASSEGGI, M.C. (Orgs.). *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. Curitiba: CRV, p.133-148, 2014.
- PEDRINI, J.R. Sobre aprendizagem musical: um estudo de narrativas de crianças. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PONSO, C. C. Música na escola: concepções de música das crianças no contexto escolar. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- PINTO, M.; SARMENTO, M. J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coords.) *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Universidade do Minho, 1997.
- RIBEIRO, A. M. M. P. Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças, 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.
- SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.